

Etnocenologia e comportamentos espetaculares: desejo, necessidade e vontade

Alexandra Gouvêa Dumas

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA/ Université Paris Ouest La
Défense- Paris X

Doutoranda – Artes Cênicas/ Arts du Spectacle – Or. Prof. Dr. Armindo Bião e Idelette

Muzart Fonseca dos Santos

Bolsa CAPES/ CNPq

Professora - Universidade Federal de Sergipe

Resumo: O termo espetacular e seus derivados são palavras e conceitos recorrentes nos textos e reflexões acerca da Etnocenologia. Entendendo que o caráter espetacular é inerente às expressões humanas, a disciplina se propõe a elaborar instrumentos e conceitos que alicercem os estudos que se debruçam sobre fenômenos de tal natureza. Conceituada como sendo o “estudo dos comportamentos humanos espetacularmente organizados” tal assertiva destaca, no amplo universo das expressões humanas, aquelas que se diferenciam pelo caráter de ser “espetacular”. Esta adjetivação aponta uma delimitação ou direcionamento nos fenômenos que podem ser investigados pelo olhar etnocenológico. Este texto se propõe a ver o *espetacular* como conceito e como e sua expressão no seio da Etnocenologia.

Palavras-chave: Etnocenologia. Espetacular.

Conceituada como o “estudo dos comportamentos humanos espetacularmente organizados” (PRADIER, 1995), a disciplina Etnocenologia destaca no amplo universo das expressões humanas aquelas que se diferenciam pelo caráter de ser “espetacular”.

A palavra espetacular na sua utilização no contexto contemporâneo ainda apresenta significados próximos ao sentido relacionados à ocasião da sua origem. Ela está constantemente associada ao aspecto do que é apresentado para ser contemplado. Deriva do latim *spectaculum* e seu uso corrente está associado ao “qui parle aux yeux et à l’imagination¹». Espetáculo, vinda do latim clássico como *spectaculum* significando “vue, aspect”, no latim *imperial* passa a significar “choses admirables, merveilles”². A palavra deriva de *spectare* que quer dizer “olhar, observar, contemplar”. Ou seja, espetáculo, espetacular e suas derivações apresentam-se como sendo um conjunto de coisas que solicita, atrai a atenção do olhar, suscetível a despertar emoções (REY, 1998, pp. 3612, 3613).

No final do século XIII, a palavra *spectaculum* passa a estar associada a um outro significado: divertimento que se apresenta ao público. Por extensão de sentido passa a designar também “qualquer representação teatral” (VASCONCELOS, 2009, p.108). A partir do século XVI a palavra espetáculo passa a ser sinônimo de teatro, “par contamination de l’italien *spettacolo*. Aller au spectacle est synonyme d’aller au théâtre » (PIERRON, 2002,

¹ Tradução nossa: “que fala aos olhos e à imaginação.”

² Tradução nossa: “coisas admiráveis, maravilhas”.

p. 520). Sendo assim que “on peut considérer qu'à partir du moment où il y a cadrage spatiotemporel par un meneur de jeu, il y a spectacle. Quand le langage courant dit: 'Il y aura du spectacle', il revient à la signification première: Il y aura quelque chose à voir »³ (PIERRON, 2002, p.520).

Perceber o outro em seu estado de apresentação é uma ação detectada na história cultural dos seres humanos. A natureza espetacular é compreendida como uma dimensão inerente à existência humana. Para Barthes, “o corpo está sempre em estado de espetáculo diante do outro ou mesmo diante de si mesmo” (BARTHES, 1982, p. 651). Já Pradier afirma que “Existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana” (PRADIER, 1999, p.28).

As realizações de caráter espetacular vão além de uma necessidade vital, orgânica de sobrevivência. Relacionam-se com o jogo estético de um acontecimento que, ao ser executado, se completa na recepção do objeto por uma platéia que assiste, que contempla, que dialoga com o que é apresentado. Bião aponta a clara relação da Etnocenologia com o campo estético, “compreendido simultaneamente como o âmbito da experiência e da expressão sensoriais e dos ideais de beleza compartilhados [...]” (BIÃO, 2007, p. 25).

O conceito de espetacular dentro da Etnocenologia é apresentado de forma ampla. Para Rafael Mandressi, este conceito “es el núcleo en torno al cual orbitan las más densas conjeturas y definirlo significaría nada menos que dar respuesta a las interrogantes básicas de la disciplina (MANDRESSI, 1999, p. 141). Ao apontar as premissas básicas da Etnocenologia, Pradier nos apresenta a concepção do que seria “espetacular” no manifesto de lançamento da disciplina. “Uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano” (PRADIER, 1999, p. 24). Pode-se, também, a partir do que o autor nos apresenta, inferir um conceito de espetacular como sendo opositor ao que é trivial, comum, sem grandes atrativos para convocar a percepção do outro.

Partindo da compreensão do termo espetacular na sua relação intrínseca com a existência humana e no seu jogo com a dimensão estética, constata-se uma limitação de campos de conhecimentos acadêmicos que se dedicam a estes estudos, o que faz com que a existência de um espaço investigativo voltado para os acontecimentos espetaculares seja uma necessidade. Nessa perspectiva, a criação e a permanência da Etnocenologia confirma a vontade de se estruturar bases conceituais voltadas para as práticas de estudos

³ Tradução nossa: “Pode-se considerar que a partir do momento em que há uma focalização espaço-temporal por um animador num jogo coletivo, há espetáculo. Quando a linguagem corrente diz: haverá espetáculo, retoma-se a primeira significação: terá alguma coisa a ser vista.”

orientadas por referenciais metodológicos e ideológicos no que se refere às práticas espetaculares, mesmo sem querer ser um modelo ou um consenso.

Sendo assim, ao observar amplamente a sua produção nesta primeira década de existência, percebe-se uma orientação nas pesquisas e textos produzidos sob a denominação da Etnocenologia pautada em alguns referenciais epistemológicos que direcionam a sua práxis. São referências que aparecem como importantes marcos discursivos na produção etnocenológica: o reconhecimento e o respeito às distintas alteridades culturais e a transdisciplinaridade na observação, reflexão e criação de objetos espetaculares. Entretanto, é importante salientar que essa perspectiva passa pelo “prisma da valorização de cada fenômeno espetacular sem visar a identificação de um conjunto de princípios universais” (BIÃO, 2007, p. 25).

Na perspectiva de pensar uma organização para os objetos espetaculares da etnocenologia, Armindo Bião propõe uma classificação em três conjuntos: objetos substantivos (artes do espetáculo), adjetivos (ritos espetaculares) e adverbiais (formas cotidianas). No último grupo, o autor coloca em evidência o olhar do pesquisador sobre o objeto como viabilizador de uma interpretação do que seja ou não espetacular. É no grupo dos adverbiais que estão “os fenômenos da rotina social que podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento, que os tornaria extraordinários” (BIÃO, 2007, p. 28). É nessa relação que identifico uma das particularidades da Etnocenologia em relação às demais áreas que também abraçam, entre outros, alguns eventos espetaculares como objetos de suas pesquisas.

Tendo a consideração da alteridade como um estado de orientação constante nas suas premissas ideológicas, a Etnocenologia pensa mais do que em classificações ou categorização fixas de objetos, mas sim na admissão de um estado relacional com o pesquisador. Ou seja, o objeto espetacular não é mais apenas um ponto fixo: uma festa, um rito, uma dança ou uma peça de teatro ou qualquer outro espetáculo, ele se desloca para um lugar móvel, o “olhar” ou os sentidos que se estabelecem entre um determinado objeto e quem se dispõe a pesquisá-lo.

A consideração da “variabilidade humana no espaço e no tempo” de que trata Bião nos convida a pensar a pesquisa etnocenológica como uma via que distancia-se da universalização de conceitos e práticas, mas que propõe multiplicidade de olhares, que permite deslocar o conceito de espetacular colocando-o como uma estrutura relacional, entre o pesquisador e o objeto. Retira a definição como sendo natureza fixa do objeto. Evidencia a relação pesquisador-objeto na percepção particular de cada pesquisa.

O direcionamento é não apenas considerar um único “outro” envolvido na investigação, que faz com que se rejeite ou se assuma uma das referências identitárias dos

envolvidos na pesquisa etnocenológica. Não se busca o reconhecimento do outro anulando outras partes envolvidas no processo de investigação. Por esta razão que a etnocenologia não se contrapõe ao etnocentrismo apenas utilizando termos ou nomenclaturas do objeto ou grupo pesquisado ou mesmo tentando reproduzir discursos, formas de comunicação empregadas por práticas espetaculares diversas, mas também considera um ou demais “outros”, inclusive o próprio pesquisador, com suas particularidades, formação, linguagem.

Bião indica como proposta, em determinadas pesquisas de cunho etnocenológico, a exposição do trajeto do pesquisador até chegar ao objeto (BIÃO, 2007). Esta exposição coloca o pesquisador, e não apenas o objeto, como agentes e interlocutores no processo de percepção e de produção de material de conhecimentos sobre o evento espetacular em questão. É admitir que o espetacular pode ser percebido como um encontro, advindo ou não de diferentes condições culturais, mas que tais particularidades não devem se transformar em pensamentos e ações valorativas nesta relação.

Quando Pradier conceitua espetacular, de certa forma, ele também considera o caráter de particularização de cada pesquisa, no sentido de pensar que os objetos e sua percepção passam pela relação e por uma via cultural. Se para identificar o que é comportamento espetacular o autor remete a uma oposição à ação banal, subentende-se que esta percepção e posterior conceituação passam pelo crivo cultural. O que parece espetacular ou banal numa determinada cultura pode não ser numa outra. Ou mesmo o que parece trivial para uma determinada pessoa pode ser espetacular para outra.

O que parece ser um vasto campo na delimitação do objeto da Etnocenologia torna-se mais concreto nas pesquisas desenvolvidas neste campo e com resultados registrados em obras escritas, como teses, artigos e dissertações. No campo da pesquisa etnocenológica, a espetacularidade é destacada em algumas formas de pensar o evento cênico. Didi-Huberman afirma que: “É preciso um vazio que seja o não-lugar de articulação dessas duas instâncias envolvidas na percepção e no encontro entre ‘olhante’ e ‘olhado’, olhante e olhado que pertencem tanto ao âmbito da obra e da imagem quanto ao do antropos” (DIDI- HUBERMAN, 1988, p. 22).

A Etnocenologia trabalha com a particularidade de cada pesquisa sem descartar pontos comuns, que se tornaram referenciais nas suas pesquisas. Seus indicativos ideológicos orientam suas práticas metodológicas. Desta forma que a Etnocenologia se apresenta como espaço necessário de investigação no campo das artes do espetáculo, acolhendo não só teorias e práticas, mas, sobretudo dúvidas, reflexões, encontros e descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1988.

BARTHES, Roland. *Encore le corps*. In : *Revue Critique*, XXXVIII, nº 423-424. Paris, sept 1982.

BIÃO, Armindo. *Um trajeto, muitos projetos*. In : *Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia*. Salvador: P& A, 2007, pp. 21-42.

MANDRESSI, Rafael. *La mirada del anatomista, la etnoescenología y la construcción de objetos muertos*. In : BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. In: *Etnocenologia: textos seleccionados*. São Paulo: Annablume, 1999.

PIERRON, Agnès. *Dictionnaire de la Langue du Théâtre*- Paris: Le Robert , 2002.

PRADIER, Jean- Marie. *Etnocenologia*. In : BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. In: *Etnocenologia: textos seleccionados*. São Paulo: Annablume, 1999.

PRADIER, Jean-Marie. *Ethnoscénologie, manifeste*. In : *Théâtre-Public* 123, maio-junho, 1995, pp. 46- 48.

REY, Alain (org). *Le Robert- Dictionnaire Historique de la Langue Française*. Paris : Le Robert, 1998.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de Teatro*. Porto Alegre, 2009.